

“MOVIMENTO CULTURAL DIGNO DE LOUVOR”: UM ESTUDO SOBRE ARCÁDIA IGUASSUANA DE LETRAS (AIL) NO JORNAL CORREIO DA LAVOURA (NOVA IGUAÇU, 1955-1970)

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre¹

RESUMO

Este artigo apresenta os primeiros resultados de um estudo sobre a Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) a partir de uma pesquisa realizada nas páginas do semanário local Correio da Lavoura. A instituição fundada no município de Nova Iguaçu existiu entre os anos de 1955 e 1970 e representou um espaço de sociabilidade para indivíduos de “notoriedade” local. No primeiro momento, é apresentado um histórico sobre o estabelecimento da Arcádia, apresentando suas regras de funcionamento, os ocupantes das cadeiras e seus respectivos patronos. No segundo momento, discutem-se parte das narrativas e práticas veiculadas na imprensa iguaçuana para a promoção da confraria. Para isto empregam-se matérias sobre a criação do grupo e um conjunto de colunas intituladas “notas arcadianas”, sendo estas espaço de publicação das atividades da Arcádia. O artigo se encerra com a proposta de compreender as relações da Arcádia Iguassuana de Letras com o jornal *Correio da Lavoura*.

Palavras-chave: Arcádia; Imprensa; Nova Iguaçu.

ABSTRACT

This article is a primary result of research on *Arcádia Iguassuana de Letras (AIL)* in the pages of *Correio da Lavoura* (newspaper). This institution was founded in *Nova Iguaçu* and it represented an important space of sociability for people of local notoriety from 1955 to 1970. In the first moment, there is a panoramic view of *Arcádia* establishment,

¹ Graduada em Licenciatura em História e Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UFRRJ.

its rulers, members and each patron chairs. Second, it dialogues on a part of narratives and news published to promote that Brotherhood in the society. For this, I look forward information on the foundation of this Brotherhood and a group of post under titles “Arcadians notes.” This last one was a specific space of publication about *Arcádia’s* activities. This article is ended with a proposal to understanding the relationship between *Arcádia Iguassuana de Letras* and newspaper *Correio da Lavoura*.
Key-words: Arcádia; press; Nova Iguaçu.

Na edição do *Correio da Lavoura* de 05 de junho de 1955, o árcade Deoclécio Machado Filho² publicou uma matéria intitulada “Getúlio de Moura prefere a denominação de Arcádia”, na qual foi reproduzida parte da resposta do confrade sobre a escolha do nome da instituição. De acordo com Getúlio de Moura³, *Arcádia* seria o termo mais adequado ao movimento que estimularia “as mais belas letras iguassuanas”, haja vista que em Roma, no ano de 1690, existiu uma Academia com este mesmo nome. No reinado do rei D. José em Portugal, a mesma designação foi aplicada em um grupo que prezava pela “boa literatura portuguesa”. A preferência do árcade demonstra a proposta do grupo em consolidar uma narrativa sobre Nova Iguaçu na qual essa elite teria suas trajetórias socioeconômicas e políticas exaltadas. O projeto da *Arcádia* corroboraria com um conjunto de investimentos iniciados nas décadas anteriores junto ao setor agrícola, por isso a nomenclatura do grêmio deveria se remeter a essa “vocação rural”. O termo *Arcádia* faz referência a uma região da

²Deoclécio Dias Machado Filho ocupou em 12 de maio de 1957 a cadeira de número 2, cujo patrono era o médico iguaçuano Elói dos Santos Andrade. Formou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina nos anos de 1940. Pertenceu à família fundadora do colégio Leopoldo Machado, tradicional instituição de ensino criada na década de 1930 e em funcionamento até os dias de hoje. Escreveu diversas matérias para o jornal *Correio da Lavoura*. Informações acessadas em: www.colegioleopoldo.org.br em 24 de abril de 2014.

³Getúlio de Moura (10/06/1903-10/07/1981), filho de Joaquim Mariano de Moura e Amélia Barbosa de Moura. Foi advogado de formação, mas ocupou diferentes cargos políticos dentro e fora do município de Nova Iguaçu. O árcade concorreu a prefeito municipal nos anos de 1930 e foi importante representante municipal de Getúlio Vargas durante a década de 1940. No processo de criação da *Arcádia*, Getúlio de Moura estava no cargo de deputado estadual e conseguiu que o Fórum do município cedesse um espaço para o funcionamento da instituição enquanto esta última não tivesse sede definitiva. Informações acessadas em: <http://seessaruafosseminhani.wordpress.com/2012/11/05/hello-world/> em 24 de abril de 2014.

Grécia que posteriormente foi apropriada pela literatura como lugar mítico e pastoril habitado por pastores e ninfas. Neste sentido, a matéria completa a sugestão:

<<Cenáculo>>, na sua origem histórica, é sala de jantar dos romanos. Chama-se xCenáculox a <<Ceia do Senhor>>, consagrada na tela do Leonardo da Vinci. Em sentido figurado, significa ajuntamento de homens de letras, de artistas, etc. Pode servir de legenda ao movimento literário em perspectiva. <<Arcádica>>, entretanto, tem em seu favor a tradição. Em nome mais apropriado à organização que visa despertar o interesse dos iguassuanos pela literatura, pela história e pelas belas artes pátrias (FILHO, Deoclécio Machado. Getúlio de Moura prefere a denominação Arcádia. In: *Correio da Lavoura*, 05 de junho de 1955. Ed: 1994, p. 1)

A partir desta perspectiva, a Arcádia Iguassuana Letras (AIL) foi fundada em 11 de agosto de 1955 e perdurou até os anos 1970. Tendo por referência a Academia Brasileira de Letras (ABL) e demais Academias Estaduais e Municipais, a Arcádia representou um espaço de valorização das manifestações culturais e datas históricas locais. Estes costumes eram incentivados por “meio de produções teatrais, mostras artísticas, danças populares, encontros em saraus, conferências e cursos que enalteciam e preservavam o que era “originalmente” iguaçuano (ESTATUTO DA AIL, CAPÍTULO 1, 1955, p. 2). Segundo a instituição, “princípios e tradições” do município seriam preservados por meio destas ações. Publicação de livros e artigos na imprensa também foi uma prática constante para estimulação das reminiscências de um passado considerado pelo grupo “próspero” e “venturoso”. No entanto, a relação entre a Arcádia e o jornal *Correio da Lavoura* foi bem anterior ao estabelecimento da instituição, já que seus membros-sócios integravam o corpo de colaboradores do semanário décadas antes. O veículo de comunicação foi um importante difusor dos objetivos do grupo, pois as matérias da Arcádia demonstravam muito da sociabilidade pré-existente entre os árcades e fins da AIL.

Além de poemas e textos, o jornal *Correio da Lavoura* tornou-se o principal veiculador de matérias e das chamadas “notas arcadianas”. Reunimos um conjunto de aproximadamente quarenta matérias publicadas no semanário *Correio da Lavoura* no ano de 1955, data de fundação da AIL. Estas publicações nunca foram indagadas e agregam um diferencial à pesquisa em relação aos demais estudos sobre academias literárias, pois pouco ou quase nunca fizeram uso de jornais em suas investigações.

Diante disto, as matérias foram organizadas conforme a data, edição, título e respectivo autor, de modo que pudessem ser pesquisadas por palavras, pois o objetivo é identificar fatores que motivaram a criação da Arcádia. Essa documentação fornece um panorama das mudanças conjunturais da época, os temas vinculados ao estabelecimento da instituição e parte da sociabilidade desta elite.

A utilização da imprensa local permite a compreensão da articulação destes intelectuais e o papel desempenhado pelo jornalismo na promoção do projeto da AIL. Por sua vez as “notas arcadianas” retratavam a rotina de atividades da Arcádia como, por exemplo, reuniões, eventos e lançamentos de obras de seus membros. Elas tinham por finalidade divulgar a programação da AIL e difundir o que estava sendo produzido junto às principais associações e famílias locais. Notas e matérias possibilitam dimensionarmos a capacidade de intervenção destes atores sociais frente à chegada da industrialização do município e suas perdas territoriais a partir das emancipações de distritos como Duque de Caxias (1943), São João de Meriti (1947) e Nilópolis (1947). Perceber através do principal jornal da cidade como estes indivíduos leram tais mudanças faz com que compreendamos a reconfiguração de forças políticas e principalmente econômicas frente ao arruinamento do projeto da citricultura.

O *Correio da Lavoura* viabiliza o entendimento sobre um projeto que vinculou determinado discurso às práticas de uma elite em vias de mudança. Neste sentido os árcades investiram em uma literatura municipal que reenterrasse os avanços promovidos por essa elite agroexportadora no distrito sede em anos anteriores. Em contrapartida, este mesmo grupo passaria a se articular de forma que abrangesse as benesses de setores como a indústria, haja vista as perdas ocasionadas pelo desmembramento de alguns distritos. Igualmente novos atores políticos entraram em cena pela consolidação dos novos municípios, desta forma uma instituição como a Arcádia permite que ampliemos a leitura das mudanças sofridas pela cidade no respectivo período. O jornal *Correio da Lavoura* acompanhou este projeto citricultor por quatro décadas e contribuiu para que o “campo” e sua elite ganhassem novos contornos. Esse semanário, fundado em 22 de março de 1917 pelo capitão Silvino de Azeredo, é o periódico mais antigo do município de Nova Iguaçu, e desde a primeira edição o proprietário definiu que os princípios do jornal estariam alinhados ao futuro do município. Segundo o capitão Silvino, o semanário se pautaria na independência,

progresso material, intelectual e moral de Iguassu. Para ser um “valente defensor” da cidade o *Correio da Lavoura* valorizou a honra, verdade e justiça.

Seria um jornal cordato que viveria em família, ao lado do lavrador e amparando as necessidades do povo iguaçuano. Segundo Juarez Bahia, no “interior do país, jornais feitos à mão ainda circularão por muito tempo, compostos em caixa francesa e prensados ao impulso pedal ou braçal [...]” (BAHIA, 1990, p. 214). O *Correio da Lavoura*, pela sua condição estrutural simples e basicamente formada por familiares e colaboradores, confirma a definição de jornal interiorano do autor. Além de seu aspecto local, o periódico também estabeleceu uma tríade de temáticas consideradas elementares para o progresso municipal: lavoura, instrução e saneamento. Silvino Azeredo resguardou assiduamente estes três aspectos no *Correio da Lavoura*. A segunda geração, composta pelos filhos Avelino Azeredo, Silvino Azeredo Filho e Luiz Azeredo, prosseguiu o caminho traçado pelo pai e fundador.

Por isso, analisar o jornal como plataforma de um movimento de valorização de marcos e sujeitos históricos locais permite avaliarmos a organização de uma intervenção historiográfica sobre o distrito sede do município mediante a conjuntura dos anos de 1950. Todavia, para execução deste projeto, foi necessário escolher para membros-sócios da Arcádia indivíduos considerados aptos às demandas literárias, socioeconômicas e políticas do município:

fugindo aos choques religiosos e políticos, [...] terá em seu bojo intelectuais, professores, médicos, advogados e jornalistas movidos por um mesmo e único ideal: alevantar o nível cultural do povo deste Município. Verdadeiros soldados da paz, travaremos duelos somente de argumentos. (PINTO, Heitor. Que é Arcádia? In: *Correio da Lavoura*, 11 de setembro de 1955, Ed. 2008, p. 1)

Este movimento de revalorização de vultos locais e grandes feitos solidificaria um passado áureo ligado a estes grupos, ou seja, a elaboração da literatura local passou por disputas memorialistas e territoriais. A escolha dos patronos⁴ para as vinte

⁴Os patronos que compunham as vinte cadeiras da Arcádia eram: Antônio Avelino de Andrade, Bernardino José de Sousa e Melo Júnior, Conrado Jacob de Niemeyer Neto, Elói Dias Texeira, Ernesto França Soares; Francisco de Lemos de Faria Azeredo Coutinho (D.), Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, Francisco José Soares Filho (Cel.), Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo, Francisco Rangel Pestana, João Manoel Pereira da Silva; João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Joaquim Elói dos

cadeiras da Arcádia demonstrava a valorização de figuras pertencentes a famílias com longas trajetórias de atuação na cidade. De acordo com os árcades, os patronos deveriam ser homens ilustres do passado iguaçuano. “Impõem-se os pranteados iguaçuanos natos, que, em vida, se projetaram pela sua cultura ou civismo, ao aprêço do Estado do Rio ou do Brasil.” (Correio da Lavoura, 1955, Ed.1993, p. 1). Dar visibilidade aos nomes de antepassados dos árcades respaldaria a escolha destes últimos como promotores da cultura e desenvolvimento do município. Desta forma, educadores, jornalistas, escritores, advogados, médicos e agentes políticos foram escolhidos a partir de alguns critérios como vínculos familiares, profissionais e principalmente de sociabilidade. Estes atores enfatizariam, através da Arcádia, determinados aspectos culturais essenciais para a reafirmação de representantes locais na Baixada Fluminense e estado do Rio de Janeiro. Desta forma, o árcade Heitor Pinto da Silva reinterou o papel da instituição e seus membros:

Já ouviram falar da fundação da Arcádia Iguazuana de Letras? Pois, em linhas gerais, direi, com satisfação e alegria, das suas intenções. Os árcades se propõem, exatamente, fazer público o que houve notabilidade no campo das letras, artes ciências e cultura, os quais se projetam até na Europa, saindo deste Município, a princípio de pouco valor. (Ed. 2008, 1955, p. 1)

De acordo com o estatuto do cenáculo, os fundadores deveriam ser iguaçuanos natos ou, ao menos, residirem a cinco anos no município. Através de suas respectivas áreas de atuação os intelectuais da AIL desejavam, em primeiro lugar, demonstrar notoriedade dentre os que compuseram a sociedade de Nova Iguaçu nos anos de 1950. Serem reconhecidos como promotores do bem coletivo e da cultura pelas letras era algo que suscitava prestígio, instrução, poder econômico e, principalmente, articulação política.

Na historiografia, identificamos um número significativo de instituições literárias e de pesquisa, responsáveis por denotarem valor histórico e social nas obras publicadas por seus escritores. Bibliotecas, editoras, institutos históricos, academias

Santos Andrade, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Manoel Felizardo de Sousa e Melo, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho (Marquês de Itanhaem), Manoel Reis, Silvino Hipólito de Azeredo e Venâncio José de Oliveira Lisboa.

literárias e outros sistemas de educação trabalharam para determinar regras e costumes que norteassem concepções estratégicas sobre um passado específico. Abordar instituições que acompanham o padrão de academias literárias aciona, portanto, investigações sobre os objetivos integrados à fundação destas últimas. No primeiro momento elas se compõem como espaços de estudos e atividades de indivíduos carregados de aptidões artísticas, religiosas, políticas e outros. Todavia, no contexto de criação das academias literárias, a consagração intelectual não foi o único objetivo. De acordo com Renato Kerly e seu estudo *Academia Maranhense de Letras: Produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses*:

“a antiguidade de uma Academia e, com isso, a representatividade por ela conquistada, em função do quadro de membros que a mesma possa ter formado, o destaque social alcançado por cada um deles, ou das atividades nas quais esteve envolvida, pode representar um dado muito importante quando pensamos em quais elementos despertam, em pessoas de diversas áreas de atuação, o interesse por pertencerem a essas instituições.” (KERLY, 2009, p. 49 e 50)

A forma como os símbolos estavam vinculados aos discursos e obras, demonstravam os fins de notoriedade e barganhas políticas e econômicas buscadas. Ações coletivas como Arcádia permitiam que determinadas posições fossem acessadas mais facilmente, relegitimando o domínio sociopolítico e competências sociais. No final dos anos de 1940 e 1950, Nova Iguaçu passava por uma importante conjuntura de reconfiguração socioeconômica e política. Em seu trabalho *Historiografia e Identidade Fluminense*, Rui Acineto Nascimento Fernandes (2009) mostra que durante a intervenção de Ernani Amaral Peixoto entre os anos de 1937-1945 existiu uma renovação de investimentos no setor agrário fluminense. Com a liderança amaralista foi reinterado que a reestruturação estava em um novo fortalecimento das atividades econômicas agropastoris no estado. Desta forma, era preciso elaborar uma história dos municípios fluminenses que enaltecesse uma memória de glória de períodos anteriores, ligados à agricultura. Segundo Rui Aniceto:

O governo investiu na criação da infraestrutura que viabilizasse a reestruturação das atividades agrárias, reafirmando, assim, a sua “vocação agrária”. Seu projeto modernizador incluía ainda a reforma

administrativa e financeira do governo estadual. O interventor constituiu um grupo político alicerçado no interior do estado que lhe permitiu o controle da política estadual nas décadas seguintes. (FERNANDES, 2009, p. 3)

Portanto, o projeto político fluminense prosseguiu pautado no setor agrícola. Não por acaso, as iniciativas industriais amaralistas eram voltadas para a estrutura agrária do país. Esse projeto estava, segundo Rui Aniceto Fernandes, alinhado com os ideais defendidos por muitos intelectuais fluminenses, “materializada(o) em suas agremiações a Academia Fluminense de Letras, a Academia Niteroiense de Letras, o Cenáculo Fluminense de História e Letras, o Museu Antônio Parreiras e as Faculdades, das décadas de 1940 e 1950.” (FERNANDES, IBIDEM, 2009, p. 3) Neste sentido, Amaral Peixoto reuniu homens letrados em sua interventoria estadual, a fim de que uma identidade fluminense fosse consolidada. “Esse projeto era alicerçado nos valores interiorano-rurais seguindo a tida ‘vocação’ do estado, e implementados a partir dos departamentos de educação ou cultura da administração pública.” (FERNANDES, Idem, 2009, p. 3)

No contexto iguaçuano, apreensão com a prosperidade das atividades de cultivo, beneficiamento e exportação de laranjas, mobilizava alguns grupos pela defesa da “tradição” e “vocação agrícola” da cidade. Tal inquietação residiu no fato da citricultura ter sido a propulsora econômica nas primeiras décadas do século XX. Portanto, defendemos que o caráter econômico foi um motivador para a criação do grupo, pois a sociabilidade da Arcádia poderia reconsolidar a imagem agroexportadora do município dentro do aparelho administrativo estadual. O fato de a instituição ter se constituído durante o decréscimo da citricultura deve ser algo aqui observado, já que a manutenção do ideário de tradição, identidade social e municipalidade sempre estiveram ligadas ao setor agrícola. O plantio da laranja teve seu contingente reduzido na década de 1950, porém se fazia importante que estes representantes locais reafirmassem o discurso de um setor agrário próspero, deste modo os investimentos para revitalização da produção prosseguiriam como prioridade na pauta do Estado. O

árcade e jornalista Luiz Martins de Azeredo,⁵ no final da década de 1940 e início dos anos de 1950, defendeu a recuperação do setor e a necessidade de mais investimentos nas plantações após a Segunda Guerra Mundial, pois os números prosseguiram com certa vitalidade:

Acabando o pavoroso conflito, foram-se restabelecendo os mercados estrangeiros, principalmente o inglês, e os produtores, embora desanimados, viram boas perspectivas que se abriram de novo para os pomos de ouro, voltando à lida do campo, na ânsia de restaurar suas propriedades e plantações há muito abandonadas. Cuidaram da terra de sol a sol. Replantaram. [...] O resultado apareceu com a melhoria da exportação de 1942 para cá, sobretudo em 1945 e 1946, quando as exportações atingiram, respectivamente, 724.416 e 1.205.971 caixas. Vem crescendo a produção de ano para ano, tanto que a dêste ano, ainda em pleno período de colheita, é prevista em 1.500.000 caixas. (AZEREDO, Luiz Martins. A situação de nossa citricultura In: Coluna Luiz Azeredo escreveu..., Correio da Lavoura, Domingo, 21 de setembro de 1947, Ed. 1592, p. 1)

O colunista Luiz Azeredo sinalizou que a produção não foi comercializada em decorrência de uma “desastrosa” portaria que proibia a exportação das frutas. Diante disto, produtores e exportadores retiveram prejuízos e os cofres públicos municipais deixaram de receber uma considerável renda. Segundo o colunista, a ausência de apoio governamental não gerou...

quota para importantes mercados europeus, como o londrino, que, por certo, em fazer do retraimento de nosso Governo em comerciar, procuraram se abastecer noutras fontes de produção. Depois quase todos os países, em crise econômica, estão controlando suas importações, e em liberdade, praticamente, não temos mais nenhum mercado, a não ser o argentino, que assim mesmo vai consumindo aos poucos a nossa fruta, observando sempre as suas conveniências. (Ed. 1592, 1947, p. 1)

⁵ Luiz Martins de Azeredo era filho de Avelina Martins de Azeredo com o capitão Silvino Hypólito de Azeredo, fundador do periódico iguaçuano *Correio da Lavoura* (fundado em 1917), nele foi redator-secretário, diretor-redator e, finalmente, diretor-secretário. Na Arcádia o jornalista tomou posse da cadeira número 5 em 17 de junho de 1959, cujo patrono era seu pai. Também presidiu a AIL entre 1959 e 1962. Colaborou na escrita de obras como *Primeira Antologia do escritor Iguassuano* com um capítulo sobre a trajetória de Silvino Azeredo e ainda, redigiu uma pequena obra sobre a vida e atuação do Padre João Musch em Nova Iguaçu. Ver: AZEREDO, Luiz Martins de. Silvino Hipólito de Azeredo. In: FILHO, Rodolpho Quaresma. (org) *Primeira Antologia do Escritor Iguacuano*. PROEPLA: s/d, pp. 55-64 e AZEREDO, Luiz Martins de. *Padre João Apóstolo do Bem em Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu: Diocese de Nova Iguaçu, 1980.

No decorrer do século XX as atividades agrícolas e pastoris do estado do Rio de Janeiro também sofreram modificações, desta forma, o domínio do capital agrário foi repensado pelo aparelho estatal. O objetivo era reorganizar as relações de forças entre os grupos, agregando, portanto, o novo sem esquecer o antigo. Mesmo enfrentando dificuldades financeiras, o governo “incentivou” certo auxílio na produção e instrumentalização agrícola, todavia os recursos empregados não foram do mesmo porte das décadas de 1920 e 1930. Neste sentido, nos anos de 1940 e 1950, o interventor Amaral Peixoto fortaleceu o poder público “por meio de reformas administrativas que promoveram a criação de órgãos voltados para a fiscalização, organização e controle do sistema produtivo, bem como de intensificação do movimento cooperativista” (DIAS, *apud*, PANTOJA, 1992, p. 50). Além disto, a interventoria amaralista incluiu, durante os anos de 1944 e 1945, a experiência das chamadas Escolas Rurais. Nesta perspectiva, o governo estadual buscou firmar a zona rural como um local fundamental para o crescimento do estado e do país. Por isso, foram criadas ações para defesa da história e tradições agrícolas, ainda em “potencial”, pelos grupos políticos do Estado. O também árcaide Getúlio de Moura defendeu na assembleia constituinte a produção citricultora no município de Nova Iguaçu:

Perdidos os mercados externos, com exceção do platino, cuja capacidade não excede de 1 milhão de caixas, o que se impunha era incrementar internamente o consumo da laranja, facilitando-lhe a circulação, de modo que ela chegasse, por preço acessível, aos mercados nacionais, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora e algumas cidades do sul do País, uma vez que as praças do norte não poderiam ser exploradas pela quase ausência de navegação para aqueles portos, no período da guerra. (AZEREDO, Luiz Martins. Ainda em foco o problema da laranja In: Coluna Luiz de Azeredo escreveu...Correio da Lavoura, Domingo, 26 de maio de 1946, Ed. 1523, p. 1)

Pode-se afirmar que a conjuntura econômica foi uma pauta importante no discurso dos árcades. Demonstrar como o município ainda agregava potencial agroexportador era vital para manutenção de investimentos e potentados políticos de grupos locais dos quais os árcades faziam parte. Além de apresentar dados, era preciso

estabelecer um discurso que relegitimasse a importância destes sujeitos para cargos e posições centrais e de prestígio no município. Para conservar Nova Iguaçu no caminho da tradição e de determinado progresso, seria necessário criar espaços promotores dos costumes, manifestações e tradição agrícola local. Em um momento de crise se fez preciso esboçar ações que reafirmassem uma memória coletiva através de seus principais personagens.

Portanto, era preciso um grupo de intelectuais patricios que organizassem no sentido mais amplo as esferas de produção, administração pública e cultura. Estes intelectuais exerceriam o respectivo papel a partir das relações sociais estabelecidas entre si, a fim de que a “verdadeira” cultura e ícones locais fossem valorizados. Logo, os atores sociais da Arcádia tinham suas atividades imersas em um conjunto mais amplo de afinidades que definiam os objetivos a serem alcançados com a instituição. O incentivo à criação de instituições literárias e culturais pelo Estado foi parte fundamental para formação de sujeitos que desenvolvessem os municípios sem esquecer as suas origens, ou seja, sua memória e identidade “tipicamente” rural. Além da citricultura outras bases econômicas foram ampliadas e agregadas.

O setor comercial do município especialmente voltado para produção agrícola será ampliado entre as décadas de 1940 e 1950. O *Sindicato dos Comerciantes de Iguassú*, inaugurado em 04 de abril de 1937, terá, a pedido da diretoria, seu nome modificado em 29 de julho de 1944, para *Sindicato do Comércio Varejista de Nova Iguaçu*. Com o crescimento populacional, novas demandas para o setor comerciário surgiram. Um dos árquades, e representante do Sindicato, Alcindo Rafael⁶, inaugurava juntamente com o representante da Câmara de Vereadores Dionísio Bassi, a grande loja da rede Araguaia de Tecidos. Em nome daquela entidade classista, o árquade enaltecia a “Araguaia de Tecidos S.A”, “pela louvável iniciativa que teve em escolher a grande cidade fluminense, para localizar uma de suas luxuosas filiais.” (Gazeta de Notícias, 09 de agosto de 1953, p. 12). O crescente número de habitantes, empregados em indústrias locais ou localizadas na cidade do Rio de Janeiro, incidiu sobre a economia local. Desta forma, era preciso preservar as “raízes” agrárias, mas

⁶ Alcindo Rafael foi advogado e representante do Sindicato do Comércio Varejista de Nova Iguaçu. Também colaborou com diversas matérias no jornal *Correio da Lavoura*. Ver: Gazeta de Notícias, Domingo, 09 de agosto de 1953, p. 12.

igualmente ampliar setores como o comércio. Deste modo, o potentado local também demarcou sua atuação na indústria e comércio que se expandia.

Em *De Maxambomba a Nova Iguaçu*, Adrianno Rodrigues (RODRIGUES, 2006, p. 74) mostra como a região passou pela estratégia econômica e progressiva das chamadas indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital. A região Sudeste, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, representou um papel importantíssimo naquela conjuntura e por isso detiveram a maior parte dos investimentos do setor industrial. Consta-se que os arcades estavam, em mais de um setor, acompanhando ou gerindo importantes mudanças.

Além da ampliação industrial, o município passou por significativas transformações administrativas que teriam despertado uma das motivações políticas para criação da Arcádia. Emancipação dos antigos distritos de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, diminuiu a receita de Nova Iguaçu aumentando os prejuízos da cidade. Com o estabelecimento de outros municípios, novas alianças foram firmadas e outros sujeitos políticos entraram em cena. O arcade Luiz Azeredo também criticou a perda de Nilópolis por parte de Nova Iguaçu, já que o distrito era um filho em pleno crescimento. “E muitos já pensavam, talvez, mesmo debaixo da foguetada, nos seus candidatos a prefeito e vereadores nas próximas eleições e também aos cargos mais importantes e rendosos na futura administração municipal.” (Correio da Lavoura, 1947, Ed.1575 p. 2). Os debates em torno dos processos de emancipação corroboram a presença de determinados atores na Arcádia. Estes intelectuais constituíram um grupo que reconsolidou a hegemonia frente às transformações.

O grupo fundador da Arcádia desempenhou um papel ativo para manutenção hegemônica do grupo nos espaços administrativo-político e econômico locais. Neste sentido, os arcadianos foram responsáveis pela construção de um discurso que os mantivessem dirigentes de seus postos frente às mudanças dos anos de 1950 e 1960 em Nova Iguaçu. Porém, a década de 1950 em Nova Iguaçu também foi palco de importantes disputas na esfera legislativa e jornalística. Desta forma, buscar reafirmar a vanguarda de um grupo atuante por anos foi essencial. Na edição de 05 de junho de 1955, o arcade Cial Brito discorreu na matéria *A propósito de certa imprensa* sobre um jornal “sensacionalista” que existia há alguns anos no município e prosseguia a lançar

matérias, segundo o *Árcade*, repetitivas e difamatórias. O *Árcade*, em 1955, anunciava a tensão existente na imprensa:

Esse periódico notabilizou pela exploração do sensacionalismo em torno de assassinatos bárbaros e tragédias de fundo sexual, não sendo, infelizmente, caso isolado. [...] Mas evidentemente, não é apenas sob tal aspecto que o diário a que aludimos é prejudicial. Pelo contrário, seu pior efeito é a influência que exerce ou pode exercer sobre a mentalidade ainda não formada de infância e da adolescência. (BRITO, Cial. A propósito de certa imprensa. In: *Correio da Lavoura*, Domingo, 05 de junho de 1955, Ed: 1994, p. 1)

Segundo o mesmo *Árcade*, esse tipo de imprensa foi condenado pelo governo federal, pois “alguns jornais [usavam] também papel importado com isenção de direitos alfandegários.” (*Correio da Lavoura*, Idem, Ed. 1994, p. 1) Isto demonstra uma possível disputa da opinião pública de grupos mais abastados. Acredita-se que o periódico mencionado seja o *Correio de Maxambomba*, haja vista o contexto de atuação do respectivo jornal na conjuntura de criação da Arcádia. O *Correio de Maxambomba* foi criado pelo jornalista e agente político Dionísio Bassi em data ainda não constatada. Seu fundador exerceu dois mandatos como vereador do município, um entre os anos de 1947 e 1950 e o segundo de 1955 e 1958. Bassi foi um exímio político e manteve vínculos importantes com diversos jornais cariocas. Durante a década de 1940, Dionísio Bassi foi representante do Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil (PCB) de Nova Iguaçu e apoiou projetos de lei que ampliavam os espaços dos clubes esportivos de Nova Iguaçu. Todavia, foi durante a década de 1950 que o vereador mostrou-se mais atuante em cobranças na câmara e principalmente na imprensa. No jornal *Correio da Manhã* de 19 de julho de 1957, o jornalista veiculou a nota “Não recolhe as consignações”, que tratava:

Segundo informa o “*Correio de Maxambomba*”, de Nova Iguaçu o prefeito daquele município, Sr. Ari Schiavo, não recolhe desde março último à Agência da Caixa Econômica, as consignações descontadas em fôlha de pagamento dos funcionários. Diante disso a Caixa Econômica suspendeu qualquer reforma nos empréstimos dos funcionários municipais, os quais, além de tudo, terão que pagar juros pelo atraso naqueles recolhimentos os quais já somam cerca de 100 mil cruzeiros. (BASSI, Dionísio. Não recolhe as consignações In: *Correio da Manhã*, Sexta-feira, 19 de julho de 1957, p. 6)

A nota afirma à existência de discordâncias com a administração municipal, pois em um movimento oposto o *Correio da Lavoura* não publicou nenhuma matéria sobre a mesma informação. Ter um jornal delator do aparelho administrativo afetaria os que estavam em consonância com o poder municipal. Pela ótica dos arcadianos, um periódico que veiculava informações não correspondentes a uma tradição política e de enaltecimento dos seus representantes causaria “influências negativas” nas gerações posteriores. Esta preocupação com os rumos da imprensa iguaçuana mostrou-se tão evidente que a sede do jornal *Correio de Maxambomba* sofreu um atentado em dezembro de 1956. Seu diretor, Dionísio Bassi, publicou a seguinte nota no jornal *Correio da Manhã*:

Levo ao conhecimento da Associação Brasileira de Imprensa ter sido atacado a tiros por um bando de capangas a serviço de vereadores que desejam manter o aumento de subsídios que combatemos. A redação do Correio de Maxambomba foi assaltada e depredada. Saudações. Vereador Dionísio Bassi, diretor do Correio de Maxambomba. (Ato de vandalismo contra jornais – Protesto da A.B.I junto ao ministro da Justiça In: Correio da Manhã, terça-feira, 4 de dezembro de 1956, 1º Caderno, p. 6)

Nesta matéria percebe-se uma imprensa de cobrança e opositora a determinadas práticas do poder municipal, deste modo, em contrapartida, era determinante para a Arcádia elaborar um projeto educativo e cultural, que reafirmasse o tradicionalismo carregado por décadas. O novo e “forasteiro” deveriam ser evitados, pois trariam conflitos e impediria a continuidade dos valores patrícios conservados por mais de um século. Além dos debates na Imprensa a Arcádia re consolidou nas escolas da região temas como agricultura, educação e cultura. Neste sentido, a AIL teve um projeto educativo e literário como seu terceiro objetivo, pois a nova conjuntura seria enquadrada, as bases “tradicionais” preservadas e, ainda, os representantes locais mantidos e prestigiados.

A educação desempenhou papel fundamental na promoção da história local, haja vista a conjuntura em que as bases socioeconômicas e políticas estavam em disputa. Veicular de forma pedagógica a tradição cultural da cidade, demonstraria que os alicerces deixados pelos “vultos históricos municipais” manteriam o progresso

conquistado. Fazer ou revitalizar antigos laços de sociabilidade com as escolas refletiu, portanto, o projeto estadual de valorização da educação interiorana. Não à toa, Leopoldo Machado⁷, Deoclécio Dias Machado Filho e Newton Gonçalves de Barros⁸ foram convidados a participar da Arcádia. Em matéria de 22 de março de 1955, Deoclécio Machado Filho discorre que as ideias para a criação do grupo “apenas” coincidiram com a de seu colega Dr. Raul Figueiredo de Meireles.

Com o auxílio de seu nobre colega para as salas e outras demandas, Deoclécio já avistava a Academia pronta. Cada um dos dezenove membros, em suas respectivas cadeiras, e o vigésimo colega, o senhor Newton Gonçalves de Barros, a proferir um discurso sobre seu patrono. Os árcades Leopoldo Machado, Deoclécio Machado e Newton Gonçalves de Barros teceram grande sociabilidade, pois todos pertenciam à família fundadora do Colégio Leopoldo Machado, instituição de grande representatividade na cidade e nas páginas do *Correio da Lavoura*. O colégio de ensino primário e secundário, instituído em 1930, é hoje um dos mais antigos e tradicionais do município de Nova Iguaçu. O colégio, como formador de gerações e referência dos valores iguaçuanos, respaldava a Arcádia com a presença destes fundadores. Ter o apoio de instituições de educação de excelência e contar com seus representantes na Arcádia legitimava, portanto, esse projeto de promoção educativa e cultural no nível estadual. Outro educador, Ruy Afrânio Peixoto,⁹ foi igualmente convidado a compor o projeto. O árcade era dono do Colégio Ruy Afrânio Peixoto (atual Recanto do Fazer) e

⁷ Leopoldo Machado de Souza Barbosa viveu em Nova Iguaçu entre os anos de 1930 e 1957. Filho de Eulálio de Souza e Anna Izabel Machado Barbosa foi seguidor da Doutrina Espírita e difundiu a religião em Nova Iguaçu. Fundou juntamente com sua esposa Marília Ferraz de Almeida o *Lar de Jesus* na década de 1940. Ocupou a cadeira de número 1 na Arcádia, instituição onde escreveu seu último trabalho *Caxias, um eminente iguaçuano*. Faleceu em 22 de agosto de 1957. Acessado em: www.colegioleopoldo.org.br em 24 de abril de 2014.

⁸ Newton Gonçalves de Barros foi casado com Leopoldina Machado Barbosa, irmã de Leopoldo Machado. Atuou como professor de História e Matemática no colégio Leopoldo. Em 1944 iniciou sua vida como jornalista no *Correio da Lavoura*, escrevendo a coluna *História e Educação*, que perdurou por muitos anos. O árcade teve quatro filhos: Maria Nazareth, Newton Leopoldo, Paulo de Tarso e Ney Alberto. Faleceu no ano de 1997. Informações acessadas em: www.colegioleopoldo.org.br em 24 de abril de 2014.

⁹Ruy Afrânio Peixoto foi advogado e professor. Fundou no final da década de 1960 o Colégio Afrânio Peixoto. A instituição de ensino possuía Jardim de Infância, ensino primário, ginásial, científico e normal. Foi um assíduo colaborador do jornal *Correio da Lavoura*. O árcade também publicou o livro *Imagens Iguazuanas* (Ed. Autor, 1968). Esta é uma coletânea de artigos publicados anteriormente em periódicos da cidade, com destaque para aqueles publicados em sua coluna do *Correio da Lavoura*. Ver: *Correio da Lavoura* de 02 a 08 de fevereiro de 2002, Ed. 4.357, p. 6.

defensor dos costumes e valores essenciais para promoção da educação e das artes locais:

A Arte, sofrendo a imperiosidade das adaptações de meio, tem refletido os gênios nas situações dos sistemas de vida de seus cultores. A procura, sem tradição artística, decai a qualidade da oferta, calorizando a arte do artista de pouco gênio ou do gênio comodista. Quando a classe preponderante cria tradição, reaparecem as obras expoentes. [grifo meu] As variações têm se verificado na História, sofrendo determinismo das acomodações sociais. Observa-se que há, depois das fases, o aparecimento de expressões extremas que se contrapõem. Se a arte se vulgarizou, na corrida das oportunidades da procura medíocre, retemperasse como arte de escola, criada para a compreensão de iniciados; para os apreciadores especialistas; para a procura exigente, onde a sensibilidade extasiante de seu criador moldura-se nos requintes técnicos de arte laboriosa. (PEIXOTO, Ruy Afrânio. Arte e Determinação In: Correio da Lavoura, Domingo, 18 de setembro de 1955, Ed. 2009, p. 1)

Segundo o professor, a produção do conteúdo artístico estava passando por adaptações negativas, o que tornava as artes um referencial sem tradição e exemplos. Uma Arte sem vanguarda não gera produtos de boa estirpe, pois isto é reflexo de artistas comodistas. Neste momento a classe dominante deveria exercer a tradição e fazer com que as obras expoentes da história reaparecessem. Não poderia existir acomodação por parte destes intelectuais, era preciso que o grupo predominante não deixasse que a vulgarização da arte se sobrepusesse. Segundo Rui Aniceto (FERNANDES, 2009, p. 25), certa política estadual foi instaurada em janeiro de 1950, e, a partir dela, estabeleceu-se uma Comissão Fluminense de Folclore, no Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro. A Arcádia, como um projeto de caráter nacional e contemporâneo, visou a valorização de manifestações populares para que estas não desaparecessem. Isto seria uma forma de afirmar e manter, em todo o estado, uma identidade fluminense e local. Todavia, cada localidade trabalhou as tradições de uma forma distinta. No caso da Arcádia Iguassuana de Letras, a difusão se deu principalmente na perspectiva instrutora da imprensa. As comemorações, poesias e textos foram os meios encontrados para manutenção das especificidades locais. As regiões rurais foram consideradas espaços fundamentadores dos costumes mais típicos do estado.

Um dos árcades escreveu em 18 de setembro de 1955 a matéria intitulada *Escope*, na qual ressaltou o importante estímulo que o cinema poderia fornecer à juventude iguaçuana, pois o cinema...

não é o lugar onde somente se busca distração. É também, hoje em dia, o centro onde se aprende História, Geografia e até lições sagradas, como o é o caso de "O Manto Sagrado", de Lloyd C. Douglas, que envolve passagens ligadas à vida de Jesus. Já vimos bastas vezes como viviam Napoleão, Lord Nelson, Disraeli, Lesseps, Rothschild Cleópatra, Marco Antônio Cristóvão Colombo, Camões (cinema, português), Pasteur Erlich, Zola e tantos homens ilustres [...] (Árcade, *CinemaScope*. In: *Correio da Lavoura*, Domingo, 18 de setembro de 1955, Ed: 2009, p. 1)

O cinema, a literatura e o teatro seriam excelentes mecanismos de instrução. Cada árcade, através de sua trajetória profissional e, especialmente, educativa, contou com o apoio do caráter pedagógico do *Correio da Lavoura*. Para isto, formas "popularizadoras" da história municipal foram difundidas, a fim de que uma identidade coletiva fosse demarcada. Seminários, cursos de oratória, livros e pesquisas de cunho geográfico e histórico com os principais temas da história local e do estado precisavam ser cunhados. O objetivo era valorizar esse patriotismo iguaçuano que remontava a este passado áureo e produtivo da Primeira República. Boa parte dos discursos e textos publicados fazia uso da narrativa histórica de Nova Iguaçu. Todas as suas características naturais e potencialidades econômicas e políticas eram artifícios moldados para o convencimento do total e possível progresso.

Diversos e exaustivos dados estáticos de crescimento em todos os setores e aspectos de Nova Iguaçu eram divulgados massivamente. Inúmeras biografias sobre os patronos eram escritas pelos árcades e relacionadas ao presente de sucesso da localidade. Era preciso educar pela descrição do processo histórico do município, criando uma imagem de importância ímpar de Nova Iguaçu dentro do contexto estadual como um todo. Isto explica a necessidade de descrever informações sobre revitalização do perfil agroexportador e da ampliação do comércio e indústria. Dizer instrutivamente que o perfil do município era de plena prosperidade foi, portanto, o projeto pedagógico dos árcades. Investigar o passado, para instruir educativamente e

culturalmente os anos de 1940 e 1950, foi um dos principais fatores motivadores para criação do grupo. Reinterar as forças motrizes formadores da identidade municipal definiria o município pelos seus anos seguintes.

FONTES:

www.colegioleopoldo.org.br

Correio da Lavoura de 02 a 08 de fevereiro de 2002, Ed. 4.357, p. 6.

Gazeta de Notícias - Hemeroteca Digital Brasileira - Memória Biblioteca Nacional.

Gazeta de Notícias, Domingo, 09 de agosto de 1953, p. 12.

Jornal Correio da Lavoura – Centro de Documentação e Imagem do Instituto

Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CEDIM/IM/UFRRJ)

Jornal Correio da Manhã - Hemeroteca Digital Brasileira - Memória Biblioteca Nacional.

www.seessaruafosseminhani.wordpress.com

Arquivo Particular Luiz Martins de Azeredo

- a) Documentação administrativa da Arcádia Iguassuana de Letras. (Digitalizada)
- b) Estatuto da AIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEREDO, Luiz Martins de. *Padre João Apóstolo do Bem em Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu: Diocese de Nova Iguaçu, 1980.

AZEREDO, Luiz Martins de. Silvino Hipólito de Azeredo. In: FILHO, Rodolpho Quaresma. (org) *Primeira Antologia do Escritor Iguaçuano*. PROEPLA, s/d, pp. 55-64.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*1. História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1990.

DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. Rio de Janeiro, PUC, Tese de Doutorado, 2009.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's)*. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado, 2006.

SILVA, Renato Kerly Marques. *Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses*. São Luís, UFMA, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 2009.

Recebido em 09 de março de 2014.

Aceito em 14 de abril de 2014.